



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v24i1>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

O Equal Rights Amendment na segunda onda feminista dos Estados Unidos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3.45607>

 Cristian Sparemberger

Investigador independente, Brasil. E-mail: sparemberger@hotmail.com

 Ariosto Sparemberger

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: ariosto@unijui.edu.br

Palavras-chave: Conservadorismo; Equal Rights Amendment; Estados Unidos; Feminismo Liberal; Feminismo Radical; Segunda Onda Feminista.	O Equal Rights Amendment na segunda onda feminista dos Estados Unidos Resumo: O contexto social e político da Segunda Onda do Feminismo nos EUA foi marcado pela emenda constitucional denominada Equal Rights Amendment. A proposta de emenda constitucional vislumbrava conceder às mulheres uma garantia legal contra a discriminação de gênero e teve um grande apoio político e social na década de sessenta. No entanto, no início dos anos setenta, grupos conservadores e antifeministas começaram a emergir no contexto norte-americano, impedindo a ratificação da emenda como lei nacional. Avaliando as perspectivas políticas que permearam o trâmite político do Equal Rights Amendment, o presente artigo realiza uma revisão histórica, social e política do ocorrido.
Key words: Conservatism; Equal Rights Amendment; Liberal Feminism; Radical Feminism; Second Feminist Wave; United States of America.	The Equal Rights Amendment on the second wave of feminism in the United States Abstract: The social and political context of the Second Wave of Feminism in US was marked by the constitutional amendment nominated as Equal Rights Amendment. The constitutional amendment deliberated to grant women a guarantee against gender discrimination, gaining political support from liberal groups. However, at the beginning of the 1970s, conservative and anti-feminist groups began to emerge in the American social context, advocating against the constitutional amendment promoted by feminists, preventing their ratification as a national law. This article provides a historical review of the political process of the Equal Rights Amendment, evaluating the political positions that influenced the ratification process.
Palabras clave: Conservadurismo; Equal Rights Amendment; Estados Unidos; Feminismo liberal; Feminismo radical; Segunda Ola Feminista.	Equal Rights Amendment en la segunda ola del feminismo en Estados Unidos Resumen: El contexto social y político de la Segunda Ola del Feminismo en los Estados Unidos fue marcado por la enmienda constitucional denominada Equal Rights Amendment. La propuesta de enmienda constitucional vislumbraba conceder a las mujeres una garantía legal contra la discriminación de género y tuvo un gran apoyo político y social en la década de los sesenta. Sin embargo, en el transcurso del trámite político de la enmienda grupos conservadores y antifeministas impiden la ratificación de la propuesta como ley nacional. Evaluando perspectivas políticas y sociales, este estudio realiza una revisión histórica, social y política de lo ocurrido.

Artigo recebido em: 30/11/2018. **Aprovado em:** 31/05/2019.

Considerações Iniciais

O movimento feminista, de maneira genérica, pode ser compreendido como um movimento social que objetiva promover a igualdade entre os gêneros. Ao longo de sua maturação, as perspectivas feministas dividiram-se em inúmeras ramificações teóricas, de modo que o movimento se diversificou em seu modo de pensar e agir. Entre estas perspectivas, destaca-se o Feminismo Radical e o Feminismo Liberal, correntes teóricas que desempenharam participação no contexto cultural dos Estados Unidos durante as décadas de sessenta e setenta, momento no qual a emenda constitucional denominada *Equal Rights Amendment* teve destaque no contexto social, político e jurídico norte-americano.

O *Equal Rights Amendment*, proposta de emenda constitucional que tramitou politicamente nos Estados Unidos durante a Segunda Onda do Movimento Feminista, vislumbra conceder às mulheres uma garantia constitucional contra as discriminações de gênero. O projeto visava garantir que os direitos afirmados pela Constituição dos Estados Unidos da América fossem mantidos igualmente para todos os cidadãos, independentemente de seu gênero, além de fornecer uma base jurídica contra a discriminação sexual. Em seu texto a emenda constitucional possuía o objetivo de: promover os direitos das mulheres; clarificar o estatuto jurídico de discriminação sexual aos tribunais, para evitar o *sexo* dos cidadãos enquanto argumento jurídico; transformar a classificação *sexo* uma classificação suspeita, de modo que as ações governamentais que tratassem homens e mulheres de forma desigual teriam que ter uma relação necessária com o interesse do Estado para serem confirmadas como constitucionais.

Neste artigo realizaremos uma revisão histórico do tramite político do *Equal Rights Amendment* na sociedade estado-unidense, compreendendo o papel dos movimentos sociais e políticos. Afim de atingirmos este objetivo, realizaremos uma releitura histórica do tramite político do *Equal Rights Amendment* na sociedade estado-unidense, considerando a atuação dos movimentos feministas, conservadores e antifeministas que surgiram na época e tiveram participação social, política e jurídica ativa no debate e tramite constitucional do *Equal Rights Amendment*.

O Equal Rights Amendment na Segunda Onda Feminista dos Estados Unidos

O início da década de sessenta caracteriza um período singular na história, este período ficou marcado por inúmeros movimentos que, de certa forma, lutavam contra os padrões estabelecidos de sua época. Nos Estados Unidos o movimento *hippie* propunha um novo estilo de vida embasado no lema *paz e amor*, o cenário musical era marcado pelo surgimento de novos estilos musicais rebeldes, influenciado por bandas como *Beatles* e *Rolling Stones* e a pílula anticoncepcional é

lançada, provocando mudanças no comportamento sexual dos indivíduos (PINTO, 2010). Logo, foi justamente neste momento, durante as décadas de sessenta e setenta, que um grande setor de mulheres americanas exigiu melhores salários, mais oportunidades de emprego, direitos reprodutivos e o fim do sistema patriarcal.

Antecedentemente a este contexto histórico, do final da Segunda Guerra Mundial até a década de 1960, por mais que o feminismo não tenha se expressado de forma veemente, as mulheres envolveram-se em lutas menos visíveis, o que não significa que não estavam ativas. Neste tempo, as mulheres alcançaram seus primeiros altos cargos políticos, estavam desempenhando funções públicas, realizando abaixo-assinados em favor da educação às mulheres e promovendo inúmeros avanços sutis no status da mulher dentro da sociedade. Este período, mesmo que de uma forma não tão visível, foi marcado por atividades culturais e instituições alternativas para o avanço do papel das mulheres dentro das estruturas sociais. O ganho de direitos políticos, conquistados na Primeira Onda Feminista, permitiu às mulheres mostrarem seu valor nas mais diversas áreas da sociedade, fazendo com que muitas mulheres assumissem cargos e posições até então exclusivamente ocupadas por homens (STAGGENBORG; TAYLOR, 2005). Entretanto, mesmo com tais conquistas, o papel, a representação e os direitos das mulheres na sociedade norte-americana ainda era limitado e outras demandas se apresentavam latentes, fato que propiciou o nascimento da Segunda Onda Feminista no início da década de sessenta e marcou uma atuação mais visível do feminismo no contexto estado-unidense. Deste modo, foi no início da década de sessenta que ocorreu a Segunda Onda Feminista nos Estados Unidos.

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (PINTO, 2010, p.10).

Esta nova onda feminista caracteriza-se pelo fato do feminismo agora não ser mais um, mas sim, múltiplos, divididos em distintas correntes que ganharam forças nesta época. Foi justamente neste momento que emergiram na sociedade norte-americana novas correntes feministas, as quais destacamos a corrente liberal¹ e a radical². Também elucidamos que na medida em que as ideias e

¹ Como principais autores que formaram as raízes do feminismo liberal destacamos: Mary Wollstonecraft, John Stuart Mill e Helen Taylor (KROLØKKE; SØRENSEN, 2006). O feminismo liberal da Segunda Onda Feminista possuía como objetivo a ampliação dos direitos das mulheres. Entre as principais características do feminismo liberal deste período, destacamos que ele promovia lutas dentro do sistema, ou seja, visava à garantia e à ampliação dos direitos das mulheres por meio de lutas dentro do sistema democrático por reformulações no sistema jurídico. A principal forma de

as práticas feministas se desenvolveram, outras categorias de feminismo foram identificadas, incluindo o feminismo negro e o pós-moderno³. O feminismo da Segunda Onda nos Estados Unidos se manifestou por meio de inúmeros protestos (em quase total unanimidade, menos impetuosos em relação aos da primeira onda), pela criação de instituições e coletivos feministas e pela multiplicação de correntes teóricas.

Um dos principais catalisadores do feminismo da segunda onda foi a publicação do livro *A Mística Feminina* (*The Feminine Mystique*) em 1963, escrito por Betty Naomi Goldstein (Betty Friedan), que articulava a frustração feminina com a domesticidade e se rebelava contra o paradigma de que uma mulher deveria ser esposa e mãe para se realizar. O livro de Friedan inspirou o feminismo liberal nesta época, que denunciava o sexismo tanto na vida privada quanto na pública, apresentando uma crítica aos padrões de socialização de gênero (KROLØKKE; SØRENSEN, 2006). O escrito de Friedan foi libertador no sentido de mostrar às mulheres que não estavam sozinhas em questionar as suposições impostas ao seu gênero e, ao mesmo tempo, ajudou a aliviar a culpa que as mulheres sentiam por ter interesses de carreira. Em linhas gerais, a feminista vislumbrava demonstrar que a mulher é antes de tudo uma pessoa, não uma mãe, nem um objeto sexual, muito menos uma máquina de lavar louças e que ela não precisava escolher entre a casa e a carreira, mas poderia ter ambas (SHERMAN, 2002).

Ela [Betty Friedan] rejeitou inequivocamente qualquer ataque à moral convencional e à vida familiar. Com a ajuda da licença de maternidade e creches no local de trabalho, ela acreditava que as mulheres poderiam combinar planos de carreira de longo prazo com suas responsabilidades familiares [...] Seu objetivo, portanto, era permitir que as mulheres vivessem por si mesmas, bem como para os outros, ao serem educadas para o seu pleno potencial e possibilitando assim seguir uma carreira fora do lar; ela acreditava que isso

atuação deste feminismo era aplicando pressões legais e sociais sobre instituições para alcançarem os seus objetivos. Entre as maiores influenciadoras do feminismo liberal durante a Segunda Onda Feminista, destacamos Betty Friedan e seu livro *The Feminine Mystique* e Gloria Steinem, que publicou o artigo *After Black Power, Women's Liberation*. Durante a década de sessenta, as principais organizações que representaram o feminismo liberal foram a *National Organization for Women*, a *National Women's Political Cactus* e a *Women's Equity Action League* (TONG, 2009).

² O feminismo radical foi, teoricamente, baseado em uma combinação de neo-marxismo e psicanálise, expressado e difundido por estudiosas feministas como Juliet Mitchell em *The Subjection of Women* (1970) e Shulamith Firestone em *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* (1970). De forma sucinta, podemos afirmar que tais autoras afirmaram que o patriarcado é inerente à sociedade burguesa e que a diferença sexual é mais fundamental do que as diferenças de classe e de raça (KROLØKKE; SØRENSEN, 2006). O feminismo radical também foi marcado por um caráter combativo, promovendo o enfrentamento direto das ideias, valores e instituições que regiam a sociedade. A análise feminista radical defendia que o poder masculino não se limitava ao mundo público, mas que se estendia à vida privada; isso significava que os conceitos tradicionais de poder se estendiam para áreas "pessoais" da vida. Como principais características do feminismo radical podemos afirmar: (1) ele buscava atingir as raízes da opressão das mulheres, se proclamando como uma teoria de mulheres para as mulheres; baseando-se firmemente nas próprias experiências e percepções das mulheres; (2) viu a opressão das mulheres como a forma de dominação mais fundamental e universal e seu objetivo era compreender e acabar com isto. (3) ele via as mulheres como um grupo oprimido que tinha interesse oposto aos dos homens, que formavam um grupo de opressão (BRYSON, 2003).

³ Embora algumas feministas hoje conceituem essa classificação por correntes (radical, pós-moderno, negro, liberal, etc.) sobre o feminismo, como na melhor das hipóteses ingênua e, na pior das hipóteses, perigosamente enganosa, tal classificação fornece o ponto de partida para discussão que realizaremos neste trabalho. Esta classificação é, no entanto, apenas um ponto de partida: não se pretende sugerir que seja a única maneira possível de se aproximar de feminismos recentes ou que as ideias possam ser cuidadosamente embaladas em corpos ou correntes de pensamentos concretos.

também criaria novas possibilidades de amor com os homens, que agora poderiam basear-se em trabalho compartilhado e valores em vez de desigualdades (BRYSON, 2003, p. 142 – Tradução do autor⁴).

Além de rejeitar ataques à moral convencional dos Estados Unidos⁵, o livro de Friedan demonstrou uma enorme preocupação com a família e problematizou a saúde mental das mulheres, pontos que citamos como catalizadoras que levaram a uma enorme aderência, por parte da sociedade estado-unidense e inglesa⁶, das perspectivas e análises expostas pela autora.

Se continuarmos a produzirmos milhões de jovens mães que impedem o crescimento de sua educação e de sua identidade, sem um núcleo forte de valores humanos para transmitir aos seus filhos, estamos cometendo, simplesmente, genocídio, começando pelo enterro em massa de mulheres americanas e terminando com a desumanização progressiva de seus filhos e filhas (FRIEDAN, 1986, p.317 – Tradução do autor⁷).

Betty Friedan desempenhou um papel fundamental na Segunda Onda Feminista, além de seu papel intelectual no desenvolvimento da teoria feminista, a ativista foi também uma das fundadoras da *National Organization for Women*⁸ nos Estados Unidos, sendo hoje considerada uma das feministas mais influentes do século XX (DUARTE, 2006).

Com o nascimento da Segunda Onda Feminista, a criação da *National Organization for Women* e o aumento da força política dos progressistas no cenário político dos Estados Unidos, ao final da década de 1960, a emenda constitucional previamente apresentada na década de vinte, denominada *Equal Rights Amendment*, voltou a tramitar no congresso norte-americano.

O *Equal Rights Amendment* foi originalmente apresentado em 1923, sob o Partido Nacional das Mulheres de Alice Paul, mas a passagem permaneceu paralisada por 49 anos. Os

⁴ Texto original: *She unequivocally rejected any attack on conventional morality and family life. With the help of maternity leave and workplace nurseries she believed that women could combine long-term career plans with their family responsibilities [...]. Her goal therefore was to allow women to live for themselves as well as for others by being educated to their full potential and enabled to follow a career outside the home; she believed that this would also create new possibilities for love with men, which could now be based on shared work and values rather than inequality.*

⁵ Nesta questão, destacamos que existem interpretações heterogêneas do trabalho de Friedan. Enquanto muitos acadêmicos denominam a autora como uma fiel combatente dos valores da família e do capitalismo, diversas autoras, em sua grande maioria norte-americanas e inglesas, configuram o sucesso do livro do Friedan justamente por ela alocar a emancipação feminina como uma forma de fortalecer os valores pré-existent nas sociedades anglo-saxônicas. Neste estudo, nos valem das interpretações que situam *The Feminine Mystique* como uma obra que mostrou às mulheres e ao sistema que a emancipação feminina seria benéfica para ambos.

⁶ Para se ter uma ideia do sucesso do livro de Friedan (*The Feminine Mystique*), a publicação já havia vendido mais de um milhão de cópias nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha até o ano de 1970 (BRYSON, 2003).

⁷ Texto original: *If we continue to produce millions of young mothers who stop their growth and education short of identity, without a strong core of human values to pass on to their children, we are committing, quite simply, genocide, starting with the mass burial of American women and ending with the progressive dehumanization of their sons and daughters.*

⁸ A *National Organization for Women* foi fundada por um grupo de feministas, entre elas Betty Friedan, em junho de 1966 em Washington e inspirou-se nos preceitos do livro *The Feminine Mystique*. A organização inicialmente focou seus esforços políticos para alcançar a igualdade de gênero no mercado de trabalho, na educação e nos meios de comunicação. O luta do grupo contra discriminação sexual representou um desafio controverso *vis-à-vis* as noções de gênero intrínsecas na sociedade norte-americana. A organização existe até hoje e no ano de 2007 registrou mais de meio milhão de membros contribuintes (HUGHES, 2010).

defensores do *Equal Rights Amendment* sentiram que a questão dos direitos das mulheres precisava ser cimentada na Constituição para o seu ideal se tornar uma realidade (BUCHANAN 2011, p.86 - Tradução do autor⁹)

Em sua grande maioria, as feministas da Segunda Onda, percebendo que os direitos do sufrágio das mulheres por si só não eram suficientes para alcançar a igualdade de gênero, apoiaram o *Equal Rights Amendment*, pois proporcionaria uma garantia constitucional às mulheres. Com o apoio das feministas e de grupos progressistas, o projeto passou facilmente pela Câmara dos Deputados em 1971 e no Senado em 1972 de modo que, para sua ratificação, o senado fixou como requerimento para a emenda se tornar constitucional a ratificação do projeto por, pelo menos, três quartos dos estados norte-americanos. O Congresso estabeleceu um prazo de sete anos para o processo de ratificação, posteriormente, a emenda recebeu uma prorrogação de três anos, tendo seu prazo final demarcado para trinta de junho de 1982 (GIRARD, 2010).

Em seu texto o *Equal Rights Amendment* era dividido em três seções. A primeira delas, que se dizia referente à igualdade de gênero, positivava uma garantia constitucional para as mulheres de que o sexo não seria motivo de discriminação em nenhum local do território estadunidense, além de fornecer um arcabouço jurídico contra a discriminação sexual, sendo que “as disposições deste artigo não deveriam ser interpretadas prejudicando quaisquer direitos, benefícios ou isenções conferidas por lei às pessoas do sexo feminino” (NEALE, 2014, p.3 – Tradução do autor¹⁰). A segunda seção ministrava ao Congresso as bases jurídicas necessárias para reforçar as leis referentes a igualdade entre os sexos. A última seção da emenda constitucional, delimitava o tempo que o Estado teria para se adequar às mudanças que o *Equal Rights Amendment* demandaria em sua aplicação.

Seção 1. A igualdade de direitos nos termos da lei não pode ser negada ou abreviada pelos Estados Unidos ou por qualquer Estado por causa do sexo.

Seção 2. O Congresso terá o poder de reforçar, por legislação apropriada, as disposições deste artigo.

Seção 3. Esta alteração produzirá efeitos dois anos após a data da ratificação (NEALE, 2014 p.08 – Tradução do autor¹¹).

O *Equal Rights Amendment* fundamentava para as feministas o ordenamento do progresso em forma constitucional, representando o cerne do ativismo de feministas como Friedan, de modo

⁹ Texto original: *The Equal Rights Amendment was originally presented in 1923, under Alice Paul's National Women's Party, but passage remained stalled for 49 years. Proponents of the ERA felt the issue of women's rights needed to be cemented into the Constitution for their ideal to become a reality*

¹⁰ Texto original: *The provisions of this article shall not be construed to impair any rights, benefits, or exemptions conferred by law upon persons of the female sex.*

¹¹ Texto original: *Section 1. Equality of rights under the law shall not be denied or abridged by the United States or any State on account of sex. Section 2. The Congress shall have the power to enforce, by appropriate legislation, the provisions of this article. Section 3. This amendment shall take effect two years after the date of ratification.*

que, após sua fácil aprovação pelo Congresso, estas feministas possuíam a convicção de que tal projeto passaria naturalmente pela ratificação dos estados necessários.

Tendo lutado por tanto tempo e tão duramente para o *Equal Rights Amendment* passar pelo Congresso, muitas feministas achavam difícil aceitar a possibilidade de que a Emenda não seria ratificada pelos 38 estados necessários. Se o *Equal Rights Amendment* for bloqueado, Betty Friedan afirmou [...]: "isto será politicamente desastroso... Seremos mandadas 50 anos para o passado" (STENCEL, 1978 – Tradução do autor¹²).

Os opositores do *Equal Rights Amendment*, em grande parte conservadores religiosos eram liderados, politicamente, pela antifeminista Phyllis Schlafly. Em seu tempo Schlafly foi uma das figuras mais importantes na vida pública norte-americana, conhecida como *Primeira dama do movimento conservador*, Schlafly foi capaz de mobilizar um exército de cidadãos contra as mudanças culturais que ocorriam nos Estados Unidos, a partir dos anos sessenta. Irritada pelas transformações culturais, Schlafly mobilizou uma grande população feminina que se opunha ao *Equal Rights Amendment*, ao feminismo e ao liberalismo moderno com a mesma intensidade que as feministas lutaram pela sua causa (MARTIN, 2016). Schlafly travou diversos debates públicos com Friedan acerca do feminismo e sobre o *Equal Rights Amendment*, sendo que os debates entre Phyllis Schlafly e Betty Friedan representaram uma batalha particular no contexto da Segunda Onda do Movimento Feminista, como narra Hartman:

O antifeminismo de Schlafly tinha um lado brincalhão. Ao dirigir-se a multidões conservadoras ela, muitas vezes, começava sua fala da seguinte maneira: "Primeiro de tudo, quero agradecer ao meu marido Fred, por me deixar vir - sempre gosto de dizer isso, porque isso deixa as *libs* tão loucas!" Um contraste efetivo com as recriminações sem humor que as feministas a dirigiam. Durante um debate de 1973 no campus da universidade do Estado de Illinois, Friedan disse para Schlafly: "Eu gostaria de queimá-la na estaca... Eu considero você uma traidora do seu sexo, uma Tia Tom" (HARTMAN, 2015 p.90 - Tradução do autor¹³).

O debate entre feministas e antifeministas se estendeu por toda a sociedade norte-americana, estando presente nos órgãos políticos, na mídia e, até mesmo, nas produções cinematográficas de Hollywood. Os antifeministas passaram a surgir, com um maior ímpeto nos Estados Unidos, após o movimento feminista passar por uma reviravolta radical no final dos anos sessenta. Com o feminismo em alta nos Estados Unidos, inúmeras mulheres começaram a desafiar os padrões de beleza feminina, os papéis de gênero, a violência contra as mulheres e o duplo padrão sexual,

¹² Texto original: *Having struggled so long and so hard to get the Equal Rights Amendment through Congress, many feminists find it difficult to accept the possibility that the amendment might not be ratified by the requisite 38 states. If the ERA is blocked, Betty Friedan said, [...] "it will be politically disastrous We will be set back 50 years".*

¹³ Texto original: *Schlafly's antifeminism had a playful side to it. When addressing conservative crowds, she often started in the following way: "First of all, I want to thank my husband Fred, for letting me come— I Always like to say that, because it makes the libs so mad!" Such friskiness was an effective contrast to the humorless recriminations that feminists directed her way. During a 1973 debate on the Illinois State University campus, Friedan infamously told Schlafly: "I would like to burn you at the stake... I consider you a traitor to your sex, an Aunt Tom".*

tomando uma posição mais radical em relação ao feminismo, dando origem ao Feminismo Radical. Para Friedan e outras feministas mais velhas, as ativistas radicais estavam excessivamente focadas em questões *frívolas* e conceitos nebulosos como *liberação sexual* ao invés de questões pragmáticas, como educação e emprego (HARTMAN, 2015).

Uma das principais lideranças na promoção do Feminismo Radical desta época foi a escritora e ativista Robin Morgan, que participou da fundação do *New York Radical Women* em 1967. No ano seguinte, ela foi a principal organizadora do primeiro protesto contra o concurso de beleza *Miss América*, fato que marcou fortemente a luta feminista. Durante o concurso *Miss América* de 1968, em Atlantic City no Estado de Nova Jersey, Morgan liderou um grupo de feministas em um protesto amplamente divulgado pela mídia e pelos meios de comunicação, no qual feministas coroaram uma ovelha como vencedora de um concurso de beleza e lançaram sutiãs, sapatos de salto alto e cópias da revista Playboy em uma lata de lixo denominada “*freedom*” (liberdade). Em sua declaração pública, intitulada “*No More Miss América!*”, Morgan comparou o concurso de beleza ao de um leilão de animais em uma feira e criticou a competição por escolher apenas mulheres brancas como *Miss América*, por colocar as mulheres na posição de objetos de entretenimento e por impor o padrão *Madonna-Whore*¹⁴ sobre as mulheres americanas (CHAPMAN, 2010).

As ativistas feministas radicais começaram a se multiplicar no cenário das estado-unidense e eram representadas por grupos como o *Redstockings* e o *The Feminists*. As ideias do *Redstockings* embasavam-se no *Redstockings Manifesto*, publicado em 1969. O manifesto afirmava que “todos os homens recebem benefícios econômicos, sexuais e psicológicos da supremacia masculina” e, por isso, “todos os homens oprimem as mulheres” (REDSTOCKINGS, 1969 – Tradução do autor¹⁵), desta forma, a única maneira de um homem deixar de oprimir as mulheres seria renunciando à sua posição superior, desde que este “esteja disposto a ser tratado como uma mulher por um outro homem” (REDSTOCKINGS, 1969 – Tradução do autor¹⁶). O *The Feminists*, fundado no início dos anos setenta, insistia que uma verdadeira feminista deveria escolher ser romanticamente e/ou sexualmente envolvida apenas com outra mulher, pois, caso contrário, ela seria uma colaboradora do sistema masculino (WALKER, 2006).

O movimento [Feminismo Radical] explodiu na consciência pública, [...] e cresceu tão rápido que os grupos existentes não sabiam o que fazer com a vinda de novos membros. O ativismo feminista radical organizado foi mais visível e proeminente na cidade de Nova

¹⁴ A ideia do padrão *Madonna-Whore* se alicerça na perspectiva de que os homens diferenciam as mulheres para casar e para manter relações sexuais. Logo, os homens que se embasam neste padrão, buscam sempre uma mulher que seja uma boa dona de casa e mãe para casar ao passo que buscam mulheres sexualmente ativas e *sexys* como objeto de desejo para manter relações sexuais, mas nunca para casar ou manter um relacionamento.

¹⁵ Texto original: *All men receive economic, sexual, and psychological benefits from male supremacy. All men have oppressed women.*

¹⁶ Texto original: *provided that he is willing to be treated like a woman by other men.*

York, Boston, Washington, D.C. e na costa oeste, mas milhares de pequenos grupos inspirados pelos ideais feministas radicais surgiram em todo o país (WILLIS, p.118, 2012 – Tradução do autor¹⁷).

Outro manifesto radical que surgiu nesta época e chamou a atenção da população norte-americana, foi o *Society for Cutting Up Men*, escrito em 1968 por Valerie Solanas. O *Society for Cutting Up Men* defendia a ideia de que os homens são aberrações incapazes de sentir emoções e falhas evolutivas da raça humana, logo, as mulheres seriam a última forma da evolução. Além de defender a eliminação de todos os homens, o manifesto também advogava em favor do final do sistema monetário e da completa automação da produção (SOLANAS, 1968). Valerie Solanas, após ter escrito o seu manifesto, afirmou que o escrito era apenas uma sátira, contudo, o manifesto ainda hoje é divulgado na *internet*, tanto por grupos conservadores e antifeministas que exibem o texto de forma que este pareça uma publicação derivada do feminismo para degradar o feminismo, quanto como objeto de adoração por algumas mulheres¹⁸.

Valerie Solanas ficou conhecida por atirar na celebridade Andy Warhol e ir para a cadeia. Tal história ficou, mundialmente famosa, após Hollywood gravar o filme *I Shot Andy Warhol* (1996), o qual retrata parcialmente os dramas pessoais e a vida de Valerie Solanas. Em seu cárcere, Solanas recebeu a visita de algumas das principais lideranças feministas radicais de sua época, sendo solta anos depois e falecendo no anonimato.

Enquanto esteve na prisão, Solanas foi saudada por muitos como uma superpoderosa defensora das mulheres, enquanto outros a conceituavam entre os criminosos insanos. Ti-Grace Atkinson, Flo Kennedy e Roxanne Dunbar visitaram Solanas na Casa de Detenção das Mulheres de Nova York. Dunbar caracterizou o ato de Solanas como um sinal de que um movimento de libertação de mulheres começou nos Estados Unidos [...] Após sua libertação em 1971, Solanas viveu mais 17 anos, mas morreu sozinha em um hotel Tenderloin em San Francisco, estando muito longe de seu status em 1968, quando se tornou a primeira celebridade das feministas radicais (BUCHNAN, 2011, p.49 – Tradução do autor¹⁹).

¹⁷ Texto original: *The movement exploded into public consciousness, [...] and grew so fast that existing groups didn't know what to do with the influx of new members. Organized radical feminist activism was most visible and prominent in New York City, Boston and Washington, D.C. and on the West Coast, but myriads of small groups inspired by radical feminist ideas sprang up all over the country*

¹⁸ Em nossa pesquisa, ao longo de nossa revisão bibliográfica, encontramos o manifesto *Society for Cutting Up Men* de dois modos: alguns autores o incluíram entre os escritos do feminismo radical e outros o descartaram. Por entendermos que o movimento *Society for Cutting Up Men* só possuía um membro (Valerie Solanas), acabamos por conceituar o *Society for Cutting Up Men* apenas como um manifesto desligado do feminismo, mas que teve relevância, audiência e repercussão no contexto social e político da época.

¹⁹ *While in prison, Solanas was hailed by many as a super powerful advocate for woman, while others counted her among the criminally insane. Ti-Grace Atkinson, Flo Kennedy, and Roxanne Dunbar visited Solanas at the New York Women's House of Detention. Dunbar characterized the Solanas act 'as a signal that a women's liberation movement had begun in the United States' [...] After her release in 1971, Solanas lived for 17 more years, but died alone in a Tenderloin hotel in San Francisco, it was a far cry from her status in 1968, when she became the radical feminists' first outlaw celebrity.*

Como qualquer movimento social, o feminismo da Segunda Onda não era monolítico, enquanto ativistas liberais e organizações como a *National Organization for Women* achavam que a melhor abordagem era trabalhar dentro do sistema político, grupos radicais como o *Redstockings* e o *The Feminists* desconfiavam do próprio sistema político e lutavam contra as instituições políticas estabelecidas, por acreditarem que tais instituições possuíam um caráter patriarcal desde sua fundação (WALKER, 2010). No entanto, ambos os movimentos possuíam suas semelhanças, pois “assim como Friedan tornou a psicologia das donas de casa uma questão política, as feministas radicais teorizaram que as relações entre os sexos, por mais íntimas que fossem, precisavam ser reformuladas em termos políticos” (HARTMAN, p.29, 2015 – Tradução do autor²⁰).

Também foi neste período que feministas de quase todas as correntes apostaram na reivindicação do slogan *The personal is political* (O pessoal é político), título do ensaio publicado em 1969 por Carol Hanisch, divulgado por meio de um dos jornais distribuídos pelo *Redstockings* (HARTMAN, 2010). Apesar das semelhanças no modo de pensar entre as correntes feministas, as radicais foram muito mais longe do que as liberais na politização de seus grupos. Ao empreenderem o que chamaram de “conscientização”, as feministas radicais trouxeram a perspectiva de como as coisas aparentemente mundanas da vida cotidiana podiam oprimir as mulheres. Como escreveu Hanisch, a conscientização sobre a opressão que as mulheres sofrem “a obrigou a tirar seus óculos de cor rosa e a enfrentar a horrível verdade sobre como a minha vida é realmente sombria como mulher” (HANISCH, 1969 – Tradução do autor²¹). As feministas radicais formaram grupos conscientes, onde as ativistas ajudavam umas às outras e relacionaram suas dificuldades individuais com o problema maior de ser mulher em uma sociedade patriarcal. Suas narrativas pessoais concretas serviram para ilustrar como as mulheres eram oprimidas dentro da sociedade, pois consideravam suas vivências e seus sentimentos sobre estas experiências como base para análise da situação comum das mulheres.

O caráter radical e as distintas correntes feministas, ao final dos anos setenta, debruçavam-se sobre as diferenças na filosofia feminista relativas à maternidade, aos homens, ao casamento e, especialmente, à sexualidade. No que tange à libertação sexual, os diferentes movimentos que surgiam nesta época lutavam por bandeiras distintas. Enquanto alguns movimentos da época advogavam em favor da aceitação das múltiplas formas de sexualidade, as feministas radicais se opunham, principalmente, contra a objetificação da mulher, como afirma Hartman:

A revolução sexual também assinalou que os movimentos de libertação dos anos sessenta haviam inaugurado novas sensibilidades culturais. Desde o início, é claro, a revolução

²⁰ Texto original: *Just as Friedan made the psychology of housewives a political issue, radical feminists theorized that relations between the sexes, no matter how intimate, needed to be reformulated in political terms.*

²¹ Texto original: *I've been forced to take off the rose colored glasses and face the awful truth about how grim my life really is as a woman.*

sexual significava coisas diferentes para pessoas diferentes. Para as feministas radicais, significava sua recusa em ser "exploradas como objetos sexuais", como proclamado por um manifesto de Redstockings de 1969 (HARMAN, 2015, p.35 - Tradução do autor²²).

Algumas das principais lideranças feministas da época, principalmente Friedan, consideravam que os movimentos lésbicos e radicais que surgiram neste período prejudicavam a luta maior para eliminar a discriminação de gênero por desvirtuarem os preceitos iniciais do movimento. Friedan acusou os movimentos radicais pelo foco estreito de demandas, retirando o impulso principal do movimento, adjetivado pela igualdade entre os gêneros e pela luta pelo *Equal Rights Amendment*, para questões sexuais irrelevantes. Para Friedan, as exigências de liberdade e prazer sexual não eram políticas, mas sim, meramente pessoais. Além disso, para a feminista, o modo como as radicais abordaram questões como o sexo "permitiu que os antifeministas insinuassem que o feminismo está de alguma forma em desacordo com a moral convencional" (WILLIS, 2012, p.58, Tradução do autor²³). Friedan também acreditava que o aborto, questão presente nas demandas do feminismo liberal, não possuía correlação com a liberdade sexual, mas sim, à liberdade individual, criticando a maneira sexualista como as radicais abordavam o tema, prontamente, para Friedan, "a política sexual [proveniente do feminismo radical]... tornou fácil para a chamada Maioria Moral agrupar o *Equal Rights Amendment* com os direitos homossexuais e o aborto em um pacote explosivo de sexo licencioso e ameaçador para a família" (WILLIS, 2012, p.58 – Tradução do autor²⁴).

Os receios de Friedan foram percebidos com a reação social que se materializou durante o final da década de sessenta, quando políticos conservadores, parte da sociedade civil e grupos antifeministas liderados por Schlafly, pressionaram vigorosamente por um retorno aos valores familiares tradicionais, defendendo a volta das mulheres para o lar, a maternidade e a não ratificação do *Equal Rights Amendment* (WALKER, 2010).

O movimento político conservador pelos "valores familiares" que surgiram na década de 1970 deve ser visto como uma reação a uma das muitas maneiras pelas quais a Nova Esquerda havia reformulado a cultura política americana. Os conservadores lutaram pela definição da boa sociedade, pela sua América tradicional e normativa, resistindo à nova sensibilidade da esquerda. De fato, as forças reacionárias que se alinharam contra a Nova Esquerda, forças que incluíam uma gama diversa de pessoas, sugerem que os anos sessenta foram de fato liberadores. Ou, pelo menos, mostra que os movimentos de libertação dos anos sessenta - a Nova Esquerda, amplamente interpretados - lançaram os primeiros tiros

²² Texto original: *The sexual revolution also signaled that the sixties liberation movements had ushered in new cultural sensibilities. From its outset, of course, the sexual revolution meant different things to different people. To radical feminists, it signified their refusal to be "exploited as sex objects" as proclaimed by a 1969 Redstockings manifesto.*

²³ Texto original: *[...] such unseemly dwelling on sex has enabled antifeminists to insinuate that feminism is somehow at odds with conventional morality.*

²⁴ Texto original: *[...] sexual politics... made it easy for the so-called Moral Majority to lump ERA with homosexual rights and abortion into one explosive package of licentious, family-threatening sex.*

nas guerras culturais que viriam a definir a cultura política norte-americana do século XX (HARTMAN, 2015, p.37 – Tradução do autor²⁵).

O discurso conservador na esfera popular tomou como fonte basilar uma narrativa que desprezava a pluralidade de perspectivas da Segunda Onda Feminista para conceituar o feminismo como um movimento monolítico e colocar a não aprovação do *Equal Rights Amendment* no cerne das demandas antifeministas e conservadoras. Os grupos antifeministas utilizavam-se das singularidades de cada corrente e grupo feminista, desde o radicalismo de Valerie Solanas e seu manifesto até o lesbianismo e a propaganda lésbica do *The Feminists*, para articular e criar uma imagem do feminismo e do *Equal Rights Amendment* desarmônica com os valores da população e enfraquecer o feminismo como um todo, em síntese, tais grupos afirmavam que “a agenda feminista ‘degradava deliberadamente a dona de casa’ (TIERNEY, 1999, p. 36 - tradução do autor²⁶). A tática antifeminista consistia em oferecer uma retórica de que o *Equal Rights Amendment* eliminaria toda diferença sexual pré-existente na sociedade estado-unidense.

Phyllis Schlafly e outras militantes contrárias à Emenda dos Direitos Iguais [*Equal Rights Amendment*] exploraram essa ansiedade específica durante toda a década de 70, criando mitos como o sonho feminista do “banheiro unissex”. Isso deixou as pessoas com a impressão de que as feministas querem eliminar as diferenças sexuais, noção que, compreensivelmente, perturbou muitos (WOLF, 1996, p. 168).

Este discurso antifeminista, alicerçado na perspectiva de que *Equal Rights Amendment*, representaria totalmente o fim das atribuições de gênero e de instituições como o casamento e a família, alarmou os tradicionalistas, que ficaram assustados ao acreditar que os papéis sexuais e instituições de grande importância na cultura dos Estados Unidos seriam degradadas pelo *Equal Rights Amendment* (MANSBRIDGE, 1986).

Os movimentos radicais que surgiram serviram de base para os conservadores e os grupos antifeministas alicerçarem seus discursos, tanto contra as feministas quanto contra o *Equal Rights Amendment*, difundindo dentro da sociedade a imagem das feministas como mulheres contrárias à família, à maternidade, aos homens, ao sistema e à heterossexualidade. Algumas antifeministas, como Schlafly, adotaram a retórica de que o *Equal Rights Amendment* depositava um “encargo injusto sobre as mulheres já carregadas de responsabilidades domésticas e de assistência à infância”

²⁵ Texto original: *The conservative political movement for “family values” that came to life in the 1970s thus should be seen as a reaction to one of the many ways in which the New Left had recast American political culture. Conservatives fought for their definition of the good society, for their traditional, normative America, by resisting New Left sensibilities. In fact, the reactionary forces that aligned against the New Left, forces that included a diverse range of people, suggest that the sixties were indeed liberating. Or at the very least, it shows that the sixties liberation movements—the New Left, broadly construed—lobbed the first shots in the culture wars that would come to define late-t wentieth- century American political culture.*

²⁶ Texto original: [...] the feminist agenda “deliberately degrades the homemaker.

(TIERNEY, 1999, p.36 - tradução do autor²⁷). Ademais, elas também conceituaram o *Equal Rights Amendment* como um projeto totalmente desarmônico com a moral convencional norte-americana que, caso fosse aprovado, destruiria valores estadunidenses, como a família e o casamento (MANSBRIDGE, 1986).

Como principais grupos que movimentaram a sociedade norte-americana com o intuito de difundir o ‘antifeminismo’, destacam-se duas organizações nacionais que foram formadas para se opor ao *Equal Rights Amendment* e continuam ativas até hoje: o *Eagle Forum*, fundado em 1972 pela senhora Schlafly, cujo o objetivo era frear o avanço do *Equal Rights Amendment* e o *Concerned Women for America*, fundado em 1979 por Beverly LaHate, organização que se apresentou como uma forma de resposta aos grupos feministas e ao *Equal Rights Amendment*, com a premissa de que as mulheres cristãs também estavam aptas e deveriam opinar, participar e debater sobre as questões políticas referentes às mulheres.

A maioria dos grupos de oposição foram organizados com o princípio de proteger o que era percebido como valores familiares tradicionais. Operando a partir de suas automeadas posições de verdadeiros defensores dos interesses das mulheres, o *Eagle Forum* e os líderes da *Concerned Women for America* acusaram a agenda feminista de ‘degradar deliberadamente a dona de casa’. Eles advertiram as mulheres de que a ratificação do *Equal Rights Amendment* alteraria radicalmente o equilíbrio de poder dentro das famílias e deixaria os homens livres de suas obrigações econômicas tradicionais para suas famílias (TIERNEY, 1999, p.36 - tradução do autor²⁸)

Os grupos antifeministas que surgiram se utilizavam de instituições sociais, como: igrejas, grupos de mães e comunidades religiosas, para realizarem o seu ativismo contra o feminismo e o *Equal Rights Amendment*, advogando em favor de uma representatividade feminina conservadora na vida política. Neste contexto, dois escritos políticos acabaram por dar uma grande força às antifeministas. *The Liberated Woman and Other Americans* (A Mulher libertada e os Outros Americanos), publicado em 1971, e *The New Chastity and Other Arguments against Women's Liberation* (A Nova Castidade e Outros Argumentos contra a Libertação das Mulheres), publicado em 1972, ambos escritos por Midge Decter. Nestes livros, a autora rejeitou as noções de que o seu mundo como mulher era sexista. Decter, nascida em 1927 e empregada por várias revistas que compunham o cenário intelectual de Nova York, desenvolveu seu pensamento, principalmente, contra os movimentos feministas radicais de "libertação das mulheres" que surgiram no final dos anos setenta e articulou grande parte dos argumentos antifeministas de sua época, “ao fazer isto, Decter notificou que, em vez de se alistar na guerra entre os sexos, ela estava oferecendo seus

²⁷ Texto original: [...] unfair burden on women already laden with home and child-care responsibilities.

²⁸ Texto original: *Most of the opposition groups were organized on the principle of protecting what was perceived as traditional family values. Operating from their self-appointed positions of true defenders of women's interests, Eagle Forum and CWA leaders charged that the feminist agenda "deliberately degrades the homemaker." They warned women that ratification of the ERA would radically alter the balance of power within families and would free men from their traditional economic obligations to their families.*

serviços para as guerras culturais” (HARTMAN, p.67, - tradução do autor²⁹). As opiniões e diagnósticos acerca do feminismo de Decter em seus dois escritos, não pouparam as feministas:

Decter argumentou que as mulheres se juntaram ao movimento de libertação das mulheres, não por desejo de novas liberdades, mas sim, por medo de que, com novas liberdades, surgissem novas responsabilidades. ‘A libertação das mulheres não representa uma nova onda de demanda por direitos iguais. Tampouco a preocupação com a opressão significava um anseio pela liberdade’ (HARTMAN, 2015, p.68 – Tradução do autor³⁰).

Para a autora, a luta da libertação das mulheres surgiu em virtude da incapacidade das mulheres de enfrentarem as dificuldades de uma vida disciplinada e competirem em igualdade com os homens no mercado de trabalho. “Em suma, Decter acreditava que as feministas eram adversárias à disciplina consagrada nas tradições americanas” (HARTMAN, 2015, p.68, - Tradução do autor³¹). O antifeminismo de Decter foi uma expressão paradigmática do pensamento neoconservador que tomava conta dos debates sociais e políticos nos anos setenta. Decter acreditava que os anos sessenta deturparam as visões das mulheres sobre conceitos sublimes como a liberdade, sendo que para ela, as feministas demandavam uma liberdade desprovida de responsabilidades: "A liberdade que elas [feministas] realmente procuram é de um tipo bastante diferente. É uma liberdade exigida por crianças e apreciada por ninguém: a liberdade de todas as dificuldades" (DECTER, *apud* HARTMAN, 2015, p.67 – Tradução do autor³²). A antifeminista também fortaleceu o discurso conservador dos anos setenta, o de que o declínio norte-americano, tanto cultural quanto econômico, era provindo da cultura adversária (progressista), e somente um despertar cultural e econômico conservador poderia renovar os Estados Unidos. Em resumo, os escritos de Decter enalteciam a agenda conservadora e se dirigiram, principalmente, contra os movimentos feministas radicais que surgiram no final dos anos sessenta, mas, em sua retórica, a autora tratava do feminismo como um movimento monolítico, fato que ajudou a deturpar a imagem das feministas e do movimento feminista como um todo, além de desprestigiar o *Equal Rights Amendment*.

Neste cenário surgiram estudos sociológicos e políticos que serviram de embasamento para os conservadores e ativistas antifeministas, entre eles, destacamos o livro *Sexual Suicide*³³ (Suicídio

²⁹ Texto original: *By doing so, Decter served notice that rather than enlisting in the war between the sexes, she was volunteering her services for the culture wars.*

³⁰ Texto original: *Decter argued that women joined the women’s liberation movement not out of a desire for new freedoms but rather out of fear that with brand- new freedoms came brand- new responsibilities. “Women’s Liberation does not embody a new wave of demand for equal rights. Nor does its preoccupation with oppression signal a yearning for freedom.”*

³¹ Texto original: *In short, Decter believed that feminists were adversarial to the discipline enshrined in American traditions.*

³² Texto original: *The freedom she truly seeks is of a rather different kind. It is a freedom demanded by children and enjoyed by no one: the freedom from all difficulty.*

³³ O livro *Sexual Suicide* foi republicado no ano de 1986, com o título de *Men and Marriage*, versão que utilizamos em nossa pesquisa.

Sexual), publicado em 1973 pelo conservador George Gilder³⁴, que delineou os argumentos antifeministas sobre a diferença sexual. O livro sustentou que a diferença sexual era nossa herança mais preciosa, porque era adivinhada de Deus e, porque por muito tempo ordenou a civilização ocidental, ao passo que a revolução na moralidade sexual, incluindo a mistura de papéis de gênero, estava destruindo a instituição do casamento, fundamento basilar de qualquer boa sociedade. O escrito do conservador, mesmo criticando os homens que por escolha própria não aderiam ao casamento focou, principalmente, na desqualificação do feminismo que, na visão do autor, visava libertar as mulheres da família, única instituição capaz de canalizar os impulsos primitivos dos homens de maneira não destrutiva. As ideias de Gilder sobre a sexualidade serviam como uma teoria social explicativa sobre a sociedade, na qual a identidade feminina estava ligada aos papéis reprodutivos da mulher ao passo que, identidade masculina estava ligada à capacidade de um homem ganhar um salário e garantir o sustento familiar. Para o autor, tirar isto dos homens representaria uma propensão à masturbação, à homossexualidade, à agressão sexual gratuita e a outras atividades eróticas superficiais e indiscriminadas. Em resumo, o antifeminista conceituou a diferença sexual como um agente civilizador.

Também se evidencia outro escrito que fundamentou o pensamento conservador antifeminista, o livro *Haven in a Heartless World: The Family Besieged*, desenvolvido por Lasch (1977). Tal escrito fundamentava a ideia de que os sociólogos, por meio de suas perspectivas, deram validação para um assalto à família. Por mais que tal livro tenha ganhado uma forte aderência por parte dos partidários antifeministas, o escrito não se configurava como uma polêmica antifeminista na mesma proporção que o *Sexual Suicide*, porém, o estudo teve implicações nos debates sobre gênero da época, embasando parte do pensamento conservador, mesmo contendo trechos anticapitalistas, os quais afirmavam que a santidade da casa e da família eram uma farsa em um mundo dominado por corporações gigantes³⁵.

Se ao iniciar a Segunda Onda Feminista, as feministas eram vistas como mulheres fortes, determinadas e independentes que buscavam os seus direitos e a sua emancipação, após o forte ativismo conservador e antifeminista, estas mulheres tiveram sua imagem denegrida popularmente. Em virtude do ativismo conservador, que promoveu a corrosão da imagem pública das feministas, diversas ativistas progressistas, como Friedan, passaram a temer o improvável, o fato de que seu maior esforço político, o *Equal Rights Amendment*, não fosse mais ratificado pelos trinta e oito

³⁴ George Gilder atua de forma veemente no contexto social e política dos Estados Unidos ainda hoje. Por mais que o intelectual nos anos sessenta tenha escrito um dos principais livros antifeministas, hodiernamente distanciou-se desta luta e é membro do *Center on Wealth, Poverty, and Morality* (Centro de riqueza, Pobreza e Moralidade), advogando em favor da ética no mundo dos negócios.

³⁵ Neste momento da pesquisa, destacamos que a existência de escritos como o *Sexual Suicide* e o *Haven in a Heartless World: The Family Besieged*, entra em contraste com a ideia de que os grupos antifeministas e conservadores se embasavam apenas nos preceitos religiosos para fundamentarem a sua perspectiva. A existência e relevância destes livros nos mostram que, os antifeministas se fundamentavam em perspectivas tanto religiosas quanto sociais.

estados norte-americanos necessários. O improvável passou a acontecer. O ativismo conservador, além de advogar contra a aprovação da emenda constitucional pelos estados faltantes, também passou a lutar para que os estados que já haviam ratificado rescindissem suas ratificações.

Embora o *Equal Rights Amendment* havia, eventualmente, sido aprovado por 35 estados, a oposição e várias controvérsias interromperam o processo de ratificação conforme o prazo chegava ao seu final [...] os legisladores de cinco estados aprovaram resoluções que rescindiam suas ratificações anteriores (NEALE, 2014, p.i – Tradução do autor³⁶).

Assim, os temores de Friedan tornaram-se ainda mais reais quando o ativismo conservador influenciou os estados Nebraska, Tennessee, Idaho, Kentucky e South Dakota a rescindir sua participação no *Equal Rights Amendment*, tornando inviável a aprovação do projeto (FRANCIS, 2016). Deste modo, no ano de 1982, após o ativismo dos grupos antifeministas e conservadores, o *Equal Rights Amendment*, projeto que em seu início teve aprovação de noventa por cento do congresso e, em seu tramite inicial, havia sido ratificado por quase todos os estados norte-americanos necessários para sua aprovação, expirou (NEALE, 2014). A vitória conservadora referente ao *Equal Rights Amendment* pode ser entendida como a principal vitória antifeminista contra os movimentos progressistas durante a Segunda Onda Feminista nos Estados Unidos.

Enquanto o feminismo da Segunda Onda se fundamentou nas ideias de Betty Friedan, que visavam uma maior aceitação das diversas individualidades femininas e advogava dentro do sistema em favor do feminismo, o *Equal Rights Amendment* prosperou, contudo, como Friedan previu, os grupos radicais que surgiram posteriormente fundamentaram e deram força para a reação conservadora antifeminista que viria nos anos posteriores, enfraquecendo e denegrindo o movimento feminista como um todo. Como afirmado anteriormente neste artigo os grupos conservadores tratavam o feminismo como um movimento monolítico, declarando toda a agenda feminista como adversária. A estratégia das antifeministas e dos grupos conservadores consistia em explorar os discursos das feministas radicais para enfraquecer o apoio popular ao *Equal Rights Amendment*. Utilizando-se destas estratégias e discursos, por meio de um incansável ativismo (que defendia a incoerência do feminismo com valores dos estado-unidenses), os conservadores e antifeministas foram capazes de derrubar o *Equal Rights Amendment*, acarretando em uma derrota às feministas.

A partir da exposição do tramite político e social do *Equal Rights Amendment*, apresentam-se aqui a existência de três perspectivas que permearam o debate sobre as questões de gênero nos Estados Unidos durante a Segunda Onda do Movimento Feminista: *a posição conservadora e*

³⁶ Texto original: *Although the proposed ERA was eventually approved by 35 states, opposition and various controversies brought the ratification process to a halt as the deadline approached [...] the legislatures of five states passed resolutions rescinding their earlier ratifications.*

antifeminista promovida por grupos religiosos, organizações sociais e mulheres de fortes convicções políticas, que visava à conservação dos pressupostos morais que regiam a nação, de outro lado; *o feminismo liberal*, que dentro do sistema político objetivava lograr direitos constitucionais para as mulheres e promover uma maior aceitação das diferentes individualidades femininas, e por fim; *o feminismo radical*, cujo o principal objetivo era se opor ao sistema e estabelecer uma nova ordem aos papéis de gênero, reconstruindo as relações entre homens e mulheres na sociedade e a maneira como a sociedade e o sexo masculino lidavam com as mulheres.

Recapitulação e considerações finais

O cenário político e social dos Estados Unidos, ao início da Segunda Onda Feminista, era fundamentado em uma luta entre conservadores e progressistas, de modo que as perspectivas eram tratadas de maneira polarizada, fomentando rivalidades políticas e diminuindo o escopo analítico político e social pelos norte-americanos (HARTMAN, 2015). Foi neste cenário que a Segunda Onda Feminista demonstrou as suas perspectivas políticas, objetivando não somente mudanças no quadro de cidadania das mulheres, mas também uma série de novas demandas culturais, políticas e sociais sobre o modo como a sociedade lidava com as questões de gênero.

Nas demandas da Segunda Onda Feminista, uma questão política apareceu no cerne dos distintos grupos feministas que emergiram na sociedade norte-americana: a aprovação da emenda constitucional denominada *Equal Rights Amendment*. Em linhas gerais as feministas apoiaram a emenda constitucional por entenderem que o projeto traria garantias constitucionais para a condição feminina, diminuindo a discriminação de gênero e criando condições necessárias para se alcançar uma maior igualdade entre os sexos. Os opositores ao *Equal Rights Amendment* eram formados em sua grande maioria por conservadores e antifeministas, que observavam a emenda constitucional como um ataque aos valores da família e aos valores dos Estados Unidos enquanto nação.

O *Equal Rights Amendment* teve em seu início um forte apoio político e social. A ativista feminista Betty Friedan e a *National Organization for Women* eram os principais defensores do projeto. Os argumentos em favor da emenda constitucional pautavam-se na perspectiva de um aumento das possibilidades nos estilos de vida das mulheres, desejando mostrar às mulheres e para a sociedade que o papel da mulher não se restringia apenas às funções domésticas, à criação e assistência aos filhos e ao matrimônio. A linha argumentativa e estratégica dos apoiadores do *Equal Rights Amendment*, fundamentava-se na pluralidade de estilos de vida, focalizando em demonstrar às mulheres que elas não precisavam escolher entre a carreira e os filhos, ou entre o casamento e o trabalho, mas sim, que o *Equal Rights Amendment* possibilitaria um aumento de possibilidades e

estilos de vida às mulheres, sem excluir os modos de vida convencionais e consagrados na cultura norte-americana, como a maternidade e o casamento.

Na medida em que os grupos feministas passaram a denegrir moralmente tanto instituições consagradas na cultura estadunidense quanto os próprios americanos e americanas, os grupos conservadores e antifeministas passaram a ganhar força no contexto político dos Estados Unidos. O conservadorismo, por ser uma corrente política fundamentada no ceticismo político, ou seja, na perspectiva de que as ideias progressistas não melhorarão ou apenas piorarão a vida dos indivíduos, ganhou cada vez mais aderência no contexto político estadunidense dos anos setenta, sendo que um dos fatores causais deste crescimento, foi o fato de que os cidadãos e as cidadãs, que se sentiam felizes e realizados com o *status quo*, passaram a ver seus estilos de vida ameaçados pelas correntes mais radicais do feminismo.

A contraofensiva antifeminista que surgiu nos Estados Unidos era militada por mulheres que se sentiam felizes e realizadas com os padrões culturais e com as instituições norte-americanas, como a igreja e a família. Estas mulheres passaram a organizar grupos antifeministas, objetivando uma maior representação das mulheres na política e na sociedade, para lutar tanto contra o feminismo quanto pela preservação e volta dos valores tradicionais da cultura estadunidense. Estas mulheres foram lideradas e representadas pela primeira dama do movimento conservador, a senhora Phyllis Schlafly.

O movimento conservador, promovido por mulheres como as pertencentes ao *Eagle Forum* e ao *Concerned Women for America* intitularam-se antifeministas e passaram a combater o feminismo como se este fosse um movimento monolítico, delegando toda a agenda feminista como algo a ser combatido. Neste processo, uma luta se mostrou proeminente: não permitir que o *Equal Rights Amendment* fosse aprovado pelos estados restantes. O ativismo antifeminista promoveu uma incansável batalha contra a aprovação da emenda constitucional, impedindo que os estados restantes aprovassem a emenda e fazendo com que cinco estados, que já haviam ratificado o *Equal Rights Amendment*, voltassem atrás em sua decisão de aprovação da emenda constitucional. Foi assim que as mulheres antifeministas e os grupos conservadores lograram a maior vitória antifeminista na Segunda Onda Feminista nos Estados Unidos.

Referências

BRYSON, Valerie. *Feminist Political Theory: An Introduction*. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

BUCHANAN, Paul D. *Radical Feminists A Guide to an American Subculture*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2011.

CHAPMAN, Roger. Morgan, Robin. In: CHAPMAN, Roger. *Culture Wars: An Encyclopedia of issues, Viewpoints, And Voices*. New York: M.e. Sharpe, Inc., 2006. p. 368-369.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América*. Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v.14, n.1, p.287-293, Apr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100015&lng=en&nrm=iso Acesso em 19 Dezembro de 2016.

FRANCIS, Roberta W. *THE EQUAL RIGHTS AMENDMENT*. New York: Era Task Force: National Council Of Women's Organizations, 2016. Color.

FRIEDAN, Betty. *The Feminine Mystique*. London: Harmondsworth: Penguin Books, 1986.

GILDER, George. *Man and Marriage*. Pelican Publishing. Gretna. 1986. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=dYVri_A3HQMC&pg=PR3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false Acesso em 19 Dezembro de 2016

GIRARD, Philippe R. Equal Rights Amendment. In: CHAPMAN, Roger. *Culture Wars: An Encyclopedia of issues, Viewpoints, And Voices*. New York: M.e. Sharpe, Inc., 2010. p. 164-165

HARTMAN, Andrew. *A War for the Soul of America: A History of the Culture Wars*. Andrew Hartman. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

HANISCH, Carol. *The Personal Is Political*, 1969. Disponível em: <http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html> Acesso em março de 2017.

HUGHES, Richard. National Organization for Women. In: CHAPMAN, Roger. *Culture Wars: An Encyclopedia of issues, Viewpoints, And Voices*. New York: M.e. Sharpe, Inc., 2010. p. 388-389.

I Shot Andy Warhol. Direção de Mary Harron. Intérpretes: Lili Taylor, Jared Harris, Martha Plimpton. New York: Playhouse International Pictures, 1996. P&B.

KROLØKKE, Charlotte; SØRENSEN, Anne Scott. *Three waves of feminism: from suffragettes to girls*, in *Gender communication theories & analyses: from silence to performance*, SAGE Publications, Inc., Thousand Oaks, 2006.

LASCH, Christopher. *Haven in a Heartless World: The Family Besieged*. New York: Basic Books, 1977.

MANSBRIDGE, Jane J. *Why We Lost the ERA*. Chicago: University of Chicago Press. 1986.

MARTIN, Douglas. *Phyllis Schlafly, 'First Lady' of a Political March to the Right, Dies at 92*. 2016. Disponível em: http://www.nytimes.com/2016/09/06/obituaries/phyllis-schlafly-conservative-leader-and-foe-of-era-dies-at-92.html?_r=0. Acesso em: 01 de janeiro de 2017.

NEALE, Thomas H. *The Proposed Equal Rights Amendment: Contemporary Ratification Issues*. 2014. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/misc/R42979.pdf> Acesso em: 05 de março de 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim (Org.). *FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER*. Rev. Sociol. Política, Curitiba, p.15-23, jun. 2010.

REDSTOCKINGS. *REDSTOCKINGS MANIFESTO*. 1969. Disponível em: <http://redstockings.org/index.php/rs-manifesto>>. Acesso em: 06 set. 2016.

SHERMAN, Janann (Ed.). *Interviews with Betty Friedan*. Mississippi: University Press Of Mississippi, 2006.

SOLANAS, Valerie. *S.C.U.M Manifesto: Society for Cutting Up Men*. 1968. Disponível em: <http://ubu.com/historical/solanas/Solanas_SCUM.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2017.

STAGGENBORG, Suzanne. TAYLOR, Verta. *Whatever happened to the women's movement? Mobilization: An International Journal*, Vol. 10(1): 37-52, 2005.

STENCEL, S. (1978). *Equal rights fight. Editorial research reports 1978* (Vol. II). Disponível em: <<http://library.cqpress.com/cqresearcher/cqresrre1978121500>>. Acesso em: 01. Jan. 2017.

TIERNEY, Helen (1999). *Women's Studies Encyclopedia*. Westport, CT, USA: Greenwood Publishing Group, Incorporated.

TONG, Rosemarie. *FEMINIST THOUGHT: A MORE COMPREHENSIVE INTRODUCTION*. Philadelphia: Westview Press, 2009.

WALKER, William T. Feminism, Second-Wave. In: CHAPMAN, Roger. *Culture Wars: An Encyclopedia of issues, Viewpoints, And Voices*. New York: M.e. Sharpe, Inc., 2010. p. 177-178.

WILLIS, Ellen. *No More Nice Girls: Countercultural Essays*. London Wesleyan University Press, 1992.

WOLF, Naomi. *Fogo com Fogo: O novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele*; Trad. BARCELOS, Waldéa. Rio de Janeiro: Rocco Ltda. 1996.